

# A ESCOLA PRIMARIA

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção: RUA 7 DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURA

Para o Brasil — Um anno.....	15\$000
6 mezes.....	8\$000

## SUMMARIO

—	Tercera Conferencia Nacional de Educação	Alice C. Jorge da Cruz.....	Pratica da Escola Activa
Dr. Zopyro Goulart.....	Escolares enfermos	Mestre—Escola .....	Tres palavrinhas.
Prof. Moyses Saenz.....	A educação rural no Mexico	Othello Reis. ....	Educação do homem e do cidadão
P. A. Pinto .....	Miudezas de linguagem	» .....	Geographia
Lucio d s Santos.....	A Conjuração Mineira: suas causas, seus efeitos	Sebastiana de Figueiredo...	Arithmetica

## Terceira Conferencia Nacional de Educação

Annuncia-se para o proximo 7 de Setembro a installação, em São Paulo, da Terceira Conferencia Nacional de Educação e tal é o entusiasmo que se vem notando nos meios cultos, especialmente nos pedagogicos do paiz, que é licito prevêr que venha a constituir esse conclave dos cardeaes do magisterio e da campanha educacional um acontecimento memoravel na historia da Republica.

Desta vez, estão voltadas as atenções, primordialmente, para a questão do ensino secundario, mas A ESCOLA PRIMARIA não pôde conservar-se estranha ao grande certame, antes acompanha com o maior empenho seus preparativos, depositando em seus resultados as mais fa-geiras esperanças.

Realmente, está o chamado ensino secundario em tal posição, que é a maior chave da cultura nacional. Seus profissionaes sentem melhor as deficiencias do ensino primario e o que é necessario fazer para melhor encaminhamento dos candidatos ao ensino superior.

Além disso, é no magisterio secundario, tanto official como privado, que se têm recrutado os mais ardorosos com-

batentes pelo ensino geral. Os proprios especialistas da pedagogia primaria, os que orientam, os que abrem as novas sendas, são, em geral, membros do magisterio secundario.

Ainda por outro lado, o esclarecido governo paulista, encampando a iniciativa privada, põe o maximo empenho na realização da Conferencia, proporcionando-lhe todas as facilidades, o que lhe augura retumbante successo.

A ESCOLA PRIMARIA concita, pois, o professorado nacional a cooperar para que nas memoraveis sessões que se vão realizar em Setembro sejam amplamente ventiladas as questões de ensino primario ao lado das do ensino secundario, certa de que destas reuniões periodicas ha de sahir a verdadeira obra da remodelação de nosso ensino geral.

A Associação Brasileira de Educação promove, actualmente, entre as autoridades em assumptos pedagogicos, um grande inquerito, cujas respostas hão de constituir um livro, repositorio de idéas, de aquisições e de tendencias, em que se hão de abeberar os governos ao cogitar de reformas.

# I = Idéas e Factos

## Escolares enfermos

O elevado grau de morbididade da nossa gente por todos nós já foi reconhecido, principalmente depois que o saudoso professor Miguel Pereira proferiu as patrióticas e conceituosas palavras, que ainda hoje echoam, impressivamente, aqui e nos mais remotos recantos do paiz.

A memorável phrase, accentuadamente pessimista, reveladora por certo de um grande espirito que se compungia e rebelava deante da inercia da nossa politica sanitaria naquelle tempo, pecando pelo exaggero do conceito emitido, teve, entretanto, a valia de despertar a consciencia nacional, que então se orientou mais definidamente para a resolução dos nossos complexos problemas de medicina social.

Se todos, medicos e leigos, dirigentes e dirigidos, reconhecemos agora que de facto é vultoso o numero de enfermos entre nós, obvia torna-se a necessidade de um largo esforço colectivo para que se curem os doentes de hoje, e diminuem os de amanhã.

Ahi estão, nessa meta que procuramos attingir, as duas finalidades da actual inspecção medica escolar. Uma, de natureza clinica e tem por base a selecção dos escolares enfermos, para que sejam convenientemente tratados; outra, de feição hygienica, tem como principal alicerce a educação sanitaria de todas as creanças que frequentam nossas escolas primarias.

Infelizmente, porém, não temos podido satisfazer as exigencias dessas duas finalidades.

Ou por falta de elementos de acção, ou por ausencia de um superior espirito

de orientação, certo é que não temos realizado trabalho efficiente nesse duplo sentido das nossas attribuições.

Apesar do serviço de inspecção medica das escolas haver sido creado sob um criterio puramente hygienico ou prophylactico, as tendencias clinicas que o têm subordinado sempre superaram o seu primordial espirito hygienico.

Aliás, essas mesmas tendencias clinicas continuadamente se têm apresentado sob uma feição theorica, pois á mingua de factores de realização, agora menos escassos, os esforços dos medicos escolares e têm desfeito e inutilizado numa quasi esterilidade de resulta dos positivos.

E assim continuaremos, enquanto não possuímos os centros de tratamentos ou não houver um directo entendimento entre a Directoria Geral de Instrucção Publica e as diversas policlinicas existentes, que de modo mais immediato ou urgente poderão encarregar-se do tratamento dos alumnos enfermos.

No momento, este ultimo alvitre é talvez o mais aceitavel.

A criação de um centro de tratamento é incontestavelmente necessaria e de grande oportunidade; a installação de um só centro, porém, não póde corresponder ás necessidades dos milhares de alumnos doentes, que se distribuem nas extensas distancias desta vastissima cidade.

Impossibilitada actualmente a Prefeitura para a construcção de diversos centros de tratamento, não se deve consentir que o problema aguarde sua solução na espera de melhores tempos, em que as clinicas escolares possam ser installadas em numero satisfactorio.

E' mister que se aproveitem os ambulatórios, que já funcionam, e se ori-

ente o serviço de modo que elles possam soccorer os escolares enfermos, sob um controle directo da organização medica escolar.

Devemos explicar que estas ligeiras notas não têm um proposito puramente exegetico, mas, bosquejando o assumpto, não podemos nem devemos calar os commentarios sobre o quasi nada que temos feito em prol dos alumnos doentes, a par do quasi tudo que precisamos realizar no terreno da educação sanitaria.

A organização moderna da sociedade exige hoje, mais do que nunca, muita sinceridade e muita clareza de acção no desenvolvimento dos serviços publicos.

E' obrigatorio, dest'arte, a quem desempenha qualquer attribuição de interesse social, por deminuta que seja, um consciencioso esforço para que se tornem insophismavelmente efficientes os serviços administrativos ou technicos que lhes estão affectos.

Dessa maneira, a nossa organização medica escolar precisa enquadrar-se dentro dessa exigencia da sociologia contemporanea, tomando uma directriz mais de accordo com os interesses geraes do paiz.

Relativamente ás attribuições hygienicas dessa inspecção, diversas vezes já nos referimos á completa deficiencia da sua applicação concernente á educação sanitaria dos escolares, cujo valor o pequeno surto epidemico de febre amarela, agora reinante, veio demonstrar suggestivamente.

Quanto ao tratamento dos alumnos enfermos, constituindo a finalidade immediatamente mais impressionante da inspecção medica, ainda não recebeu uma resolução conveniente, satisfactoria e efficaç.

Apresentando-se na pratica como o principal objectivo da inspecção medica escolar, o tratamento dos alumnos doentes representa agora, segundo preceitua a reforma Fernando de Azevedo, uma attribuição a que se obrigam os inspectores medicos escolares.

Assim, é necessario que a execução dessa finalidade da inspecção medica se desenvolva systematizadamente dentro de uma norma orientadora da acção de cada medico, de modo que o trabalho se realize uniformemente em todos os districtos escolares.

A sua realização processa-se praticamente em duas etapas:—a de selecção dos escolares enfermos e a de tratamento dos mesmos.

Para a execução dessas duas phases de trabalho já possuímos elementos de valia, que podem assegurar a efficiencia do serviço.

A selecção dos alumnos doentes, podendo ser realizada integralmente com os recursos actuaes, é independente do serviço de «fichamento», que ainda uma vez desejamos estigmatizar pela sua demonstrada inoportunidade entre nós.

A selecção deve ser praticada em tres tempos.

Uma primeira triagem será effectuada pelas professoras, que indicarão ao inspector medico as crianças que lhes parecerem doentes e diariamente annotarão em uma folha mensal de observações, que pode ser organizada segundo o modelo annexo, os signaes ou symptomas (falta por doença, rouquidão, coriza, febre, tristeza, desatenção, etc.), denunciadores de desvios na saúde dos alumnos.

Ao fim do mez essas folhas serão entregues aos inspectores medicos, que assim poderão dar preferencia de exame ás creanças mais frequentemente adoentadas.

Uma segunda selecção, posteriormente, deverá ser estabelecida pelas enfermeiras escolares, funcionarias mais technicas, que levarão igualmente ao inspector medico os alumnos que apresentarem indicios de molestia.

Finalmente, após essas duas escolhas, por sua vez o inspector medico escolar percorrerá as classes e separará para o respectivo exame clinico os escolares doentes, que tenham passado despercebidos ás professoras e ás enfermeiras.



## A educação rural no Mexico

O presente trabalho, publicado na revista «Coopera», foi traduzido especialmente para A «Escola Primaria», pela inspectora escolar Celina Padilha.

E' digno de attenção o modo de provimento das escolas ruraes mexicanas.

Fundando cerca de mil escolas em um anno, houve a difficuldade de encontrar para dirigil-as professores competentes e sobretudo diplomados pelas escolas normaes. Nessas condições, lançou-se mão de toda gente de boa vontade; exigia-se espirito de trabalho, energia e enthusiasmo. Satisfeitas essas condições, pedia-se o que fosse possivel de instrucção. Durante os primeiros annos, a maior parte dos professores utilizados não havia terminado o curso primario. No entanto, era necessario melhorar-lhes a competencia profissiona, e formaram-se as *Missões Culturales*, grupos compostos por um professor, um agronomo, um tecnico em pequenas industrias, um professor de educação physica e uma trabalhadora social. Essas missões percorrem o paiz e reúnem em certas povoações cerca de cinquenta professores com os quaes estabelecem, durante um mez um curso, cujas características são: tomar a escola rural do lugar e a comunidade como laboratorio, procurando estudar os problemas que apresentam e ensinando os mestres a resolvel-os no proprio terreno. Nesses institutos têm os alumnos mestres de teoria, de technica de ensino e de administração, sempre, porém, com referencia á escola do lugar; demais, trabalham com a vizinhança, desenvolvem um programma recreativo para a comunidade, socializam o povoado, fazem esforços reaes para resolver problemas reaes tambem.

Durante a primeira semana do instituto, peritos e professores investigam a vizinhança: quem é a gente, como vive, que pensa, que necessidades tem. Esta investigação preliminar junto a principios geraes, dá-lhes a base para formular o programma de trabalho que desenvolvem durante as tres semanas subseqüentes.

Terminado o instituto voltam os professores a suas aldeias e a Missão prosegue e vae realizar na região proxima, com outro grupo de professores, um programma semelhante. Vae-se formando assim, para as escolas ruraes federaes, um corpo docente cujas qualidades mais notaveis são a ausencia de preconceitos e de pedantismo pedagogicos, a applicação do sentido commum para resolver as situações que o trabalho diario apresenta, um zelo intelligente para melhorar a condição espiritual e economica da vizinhança e um espirito aberto sempre á sugestão e avido de aprender. Livres de preconceitos, fazem com simplicidade o que se lhes diz e o que o senso commum lhes indica; não tendo tido máus modelos, adoptam facilmente o que o tecnico da Missão Cultural ou o Inspector apresenta; convertem-se assim, por imitação, em bons professores. A explicação é plausivel mas não nos faz comprehender o milagre de centenas de professores ruraes que estão sendo na pequena comunidade onde trabalham, poderosos agentes de civilização. Oicamos o depoimento de um professor rural da Serra de Oaxaca depois de dirigir durante dois annos uma escola em humilde povoado.

«Logo que me encarreguei da escola, senti grande desconsolo, pois estava suja, desprovida de moveis e utensilios escolares, com poucos alumnos cuja frequencia era irregular e na qual havia um galinheiro muito mal tratado com sete gallinhas e oito pintinhos que logo depois morreram.

Meu cuidado principal consistiu, durante os ultimos dias de Outubro e todo o mez de Novembro, em fazer reuniões com os vizinhos de modo a crear nelles a confiança pela escola rural destruindo as prevenções que nutriam contra ella e assim consegui, no mez de Dezembro, com a cooperação dos vizinhos, um terreno para um jardim escolar, cercado, com 578 metros

quadrados; foi reconstruido o galinheiro e tive frequencia de vinte meninos e vinte meninas para os cursos diurnos e de dezoto adultos para os cnrsos nocturnos.

Durante os mezes de Janeiro a Maio, não descansamos e tivemos por fim: Jardim com seu apiario, um galinheiro com vinte e oito frangos e dez pintinhos; uma plantação de milho, um pequeno campo de *chile*, um campo de *sports* recentemente preparado e material escolar sufficiente com 48 alumnos para a escola diurna e 22 para a nocturna. Tambem tinhamos fabricado um milhar de tijolos que serviam para começar o novo edificio escolar e com o producto das nossas colheitas e com as contribuições dos vizinhos, acreditamos poder comprar em Agosto proximo ferramenta de carpintaria e augmentar os instrumentos de lavoura; procuramos o modo de possuir um terreno que seja de propriedade exclusiva da escola, no qual possamos fazer culturas intensivas, pois o que possuimos actualmente é pequeno e acanhado. A escola e a autoridade trabalham actualmente desenvolvendo uma acção social para combater o vicio do alcoolismo que já se ia tornando habitual entre os vizinhos; assim se estabelecem as bases para a independencia economica. Para recreio dos meninos e gente do povo tenho um phonographo de minha propriedade com o qual dou audições. Espero que, á medida que as circunstancias permittam, intensificar minha acção social». Como Apolonio Sandoval, o mestre desta povoação, ha muitas outras; teremos que consideral-os sempre como professores excepcionaes no sentido de que extraordinarios são por seu merito e pela dignidade do seu trabalho mas não quer dizer que seja raro enconral-os.

Os inspectores instructores constituem um elemento de importancia dentro do sistema. Cada um delles tem a seu cargo, em regra, umas 40 escolas. Occupam-se primeiramente de installal-as procurando o professor, organizando a collaboração da vizinhança, formando o *Comité de Educação*, depois visitam a escola prolongando a visita dois ou tres dias. Como mestres, ajudam o professor a resolver as difficuldades dentro da escola conduzindo-o ao ca-

minho da comunidade. A visita tão frequente quanto possivel deve ser feita pelo menos tres vezes: no principio, no meiado do anno e por ultimo na epoca dos exames. O inspector instructor não é um politico nem um agitador, sua figura tão pouco não corresponde á do professor desilludido que arrasta penosamente sua tradição pedagogica, seu pessimismo e seu máo humor por toda sua jurisdicção; são jovens, de typos revolucionarios, homens de acção e de influencia. Quando trabalhavamos trouxeram muitos a espingarda ao hombro, depois faziam sempre discursos, foram professores missionarios; os melhores respiram ainda o romance da revolução.

Nessas escolas ruraes, nunca se sabe onde termina a escola e principia a povoação, nem onde acaba a vida do povoado e começa a da escola, no seu aspecto de escola realmente social, esta escola é uma com a comunidade. A *Casa do Povo* chamou-se a principio e de facto vae sendo, e tambem pedimos que a povoação seja a casa da da escola. Vejamos a estatística: mais de 2000, das 3400 escolas rurees, a que me referi, congregam regularmente os camponezes; quasi todas desenvolveram com as crianças a campanha em prol da hygiene. Os professores vaccinaram no presente anno mais de 100.000 pessoas; 2500 dessas escolas celebraram exposições e ferias (não esqueçaes que me refiro a escolas de aldeia), 255 principiaram a abertura de estradas; 108 canalizaram agua para a povoação, 155 estabeleceram officinas de correios e por sua influencia directa, com trabalho dos proprios alumnos, estenderam-se mais de 1300 kilometros de linhas telegraphicas e telephonicas. A escola está socializada; mais da metade das que temos considerado—com cooperativas infantis a 670 dentre ellas organizaram cooperativas de adultos. Quando os mais adiantados pedagogos nos pedem que a escola moderna se socialize, que estabeleça contacto com a comunidade, que reflecta a vida do povo e prepare as crianças para viver, vivendo, tão afastados da pratica habitual se encontram que esperam apenas por excepção ver realizada a sua teoria. No entanto, na escola rural mexicana esta teoria se está realizando não ape-

nas num estabelecimento mas caracteristicamente em todos. Nada de estranho ha em receber do educador philosopho John Dewey, apostolo da escola socializada, um testemunho como o que escreveu, após ter conhecido a escola rural mexicana em 1925.

«... não ha no mundo movimento educativo que apresente maior espirito de união intima entre as actividades escolares e a comunidade do que o que é encontrado na escola rural mexicana».

\* \* \*

Que significa tudo isso? podereis perguntar-me. Que especie de escola é esta á qual vão pequenos e grandes, onde os velhos cantam de noite e as creanças de dia, onde se ouve falar muito de gallinhas e coelhos, de cooperativas e de pequenas industrias, de recreações e actividades livres, de vacinar as pessoas e cortar-lhes os cabellos, e ao mesmo tempo de aprender a ler, a escrever e a contar? Esta é, senhores, uma escola nova, uma escola socializada que funciona em uma sociedade de vida sufficientemente primitiva para que a escola emcampe funcções e responsabilidades que em grupos sociaes mais diferenciados estão a cargo de outras agencias. Se os paes não têm o grau de cultura necessario para cuidar de hygiene das creanças, a escola deverá fazel-o. Um dia por semana lavarão roupa, irão regularmente banhar-se no rio, installar-se-á um cabellereiro, far-se-ão roupas; com os productos da hortaliça far-se-ão os alimentos que serão repartidos mesmo com a visinhança em um dia de festa, e assim a escola executa aqui o que numa cidade nunca terá de fazer. Seu programma, por outro lado, é synthetico e unitario. Mantem a unidade da propria vida; suas actividades não estão especializadas. Essa escola tem uma tarefa: ensinar a viver ás creanças; um só methodo,—abrir largamente as portas e deixar que penetre a vida e que as creanças a vivam.

O programma está ligado a tres ou quatro bases fundamentaes da civilização; o conhecimento e dominio dos factores que conservam a vida e promovem a saúde; o conhecimento e dominio do meio physi-

co-agricola; o conhecimento pratico de tudo quanto eleva e dignifica a vida domestica; o conhecimento pratico de tudo quanto promove a distração material e espirital: Simples o programma, mas essencial. A escripta e a leitura terão, naturalmente, de figurar mas sempre subordinadas aos grandes objectivos que se colimam pois, o ideal não é ensinar a ler, a escrever e a contar; é principalmente ensinar a viver. Mas concretamente e como consequencia da doutrina em que se baseia, esta nova escola tende a elevar a occupação habitual, a dignificar o meio; uma escola do campo, para a gente do campo, sobre a vida do campo infundirá na creança o amor da terra; centro da pequena comunidade onde se installou, a escola irradiará influencia por toda a parte, abrirá vias interiores de comunicação, organizará os grupos, ensinará á gente a technica facil da collaboração e da participação; depois, com a ideia na Patria, irá abrindo caminho para o mundo exterior e converter-se-á em antena sensivel a todas as influencias que cheguem de fora—do mundo exterior que é o Mexico, cuja visão em seu conjuncto ideal apresentará sempre,—symbolizando-a pelo retrato do Presidente da Republica e de nossos heróes pelo Hymno Nacional, pela Bandeira da Patria. Assim cumpre esta escola a obrigação que a melhor doutrina poderia impor-lhe, socializando-se e fazendo-se agencia socializante.

Entre nós, onde a Nação está por constituir-se, a escola transpõe as normas e não obedece a nenhuma doutrina pedagogica, mas, filha da Revolução e instrumento do momento, converte-se em guarda avançada da Patria, em factor de integração que principia por dar a lingua castelhana a 4 milhões de indios e por apresentar a todos os nucleos dispersos da população, o ideal de um Mexico unido.

Assignalada a meta, volvamos á realidade e perguntemos em que grau nos vamos della aproximando. E a estatistica fala com eloquencia; se o cumprimento das regras póde apresentar-se em unidades de acção concretas, podemos affirmar que duas terças partes das escolas ruraes as estão cumprindo.

Além d'isso tão significativos são os factos como as tendencias e é de grande valor e affirmação de que effectivamente o ideal existe e persiste. Disso, felizmente, não resta duvida, se bem que tenhamos de apontar alguns obstaculos para seu desenvolvimento e indicar que rumos deve seguir apontando nosso ideal generoso é o crescimento mesmo do systema que procura realizal-o, por isso é que tantos movimentos espirituales têm chegado a converter-se em meros instrumentos burocraticos. A' medida que augmentam as escolas, teremos de ir descontando, se bem que se vá aperfeiçoando a technica de realização certo numero de professores que, apesar de se dizerem apostolos, não o são. Conservar o espirito da obra, a philosophia elevada, o methodo natural, a norma humana e conservar tudo isso contando-se as escolas por milhares, constitue uma das tarefas mais delicadas para quem as dirige. O crescimento do systema ha de fazer-se em duas direcções: horizontalmente, estendendo-se de modo a cobrir toda a superficie até dar a todas as creanças mexicanas oppurtunidade de educar-se e verticalmente, enriquecendo os programmas elevando a estrutura escolar afim de que ao menos os mais bem dotados encontrem na escala educativa degraus bastantes para satisfazer suas capacidades. Cinco creanças mexicanas em dez ainda não têm no Mexico aonde ir e, quando vemos o censo, esses cinco meninos nos apresentam a aterradora cifra de um milhão e meio de creanças sem escolas sendo dentre ellas um milhão de indigenas e camponezes. Para dar-lhes o minimo de educação que hoje lhes proporciona a escola rural necessitamos fundar ainda 20.000 escolas mais. Isso no tocante ao crescimento em superficie. No que respeita, porém ao outro aspecto de crescimento, seu limite não pode ser sinão o do mestre ideal. A lei nos marca, actualmante, quatro annos de escola, quer dizer, para cada escola rural requisitar-se-á dos professores, como minimo, o que fôr indispensavel para promover a dignificação da vida e da felicidade dos mexicanos.

Entre os capitulos do que resta a

fazer, está o muito importante da transformação das escolas ruraes do typo antigo, aquelles de que fallei a principio e que são em numero de duas por uma das novas. Haverá difficuldades em conseguir essa reforma, pois seria mais facil fundar escolas novas que modificar as aniigas: aqui tivemos um campo virgem, livre de preconceitos, a alma atormentada pelo desejo de acção: lá, a rotina, a desillusão, a apathia. Mas para quem visa não um programma local, porém nacional, não poderá escapar esse problema e terá de promover a reforma das 7.000 e tantas escolas nas quaes se está matando, dia a dia, a alma das creanças.

Por ultimo, posto que, com tanto ardor falamos da escola nova rural e tão alto puzemos o seu ideal, digamos tambem que ella só por si será insufficiente para resolver nosso problema. Animosa e intelligente, será; como posto avançado esquadrinhará todos os animos, mas é, não esqueçaes, apenas a guarda avançada. Atraz della devem vir todas as forças civilizantes de que dispomos. Em seu aspecto essencial e integral, a funcção educativa compete tanto á Secretaria de Educação como as de Agricultura, Comunicações, Hygiene, Industria, ao proprio Exercito. Entretanto, não coordenemos o programma e a acção primeiramente ao gabinete de trabalho e depois *in loco*, pois estaremos não só cometendo um erro contra o methodo e a eficiencia, mas tambem pondo em perigo o exito da obra nacional, na qual cada um de nós está interessado. A acção educativa não é, sinão em parte, obra da escola, é obra de cultura e de civilização; quer dizer a reconstrucção da experiencia humana para formar o individuo e tornal-o feliz.

Dou-me conta de que na descripção das agencias de educação rural, referi-me exclusivamente ás escolas e que destas apenas falei das de plano inferior. E falei não de educação rural mas propriamente de educação no seu sentido geral, se bem que circumscripito ao meio rural mexicano. Deveria occupar-me depois do aspecto da especialização e poderia faliar, em seguida, das agencias escolares que pro-

movessem o treinamento especializado do camponês, não tanto já em sua qualidade de homem quanto em sua qualidade de agricultor. Não entrarei neste terreno, entretanto, sinão para dizer que o processo educativo em si mesmo, o que interessa a escola rural, tal como o descrevi, referindo-se a crianças e adultos, a homens e a mulheres, ha de anteceder a qualquer outro programma especializado. Assim o encarei, com effeito, crendo que, já no desenvolvimento das instituições, sobre a escola rural de que fallei, aqui e ali, segundo a possibilidade o a necessidade, surgirão as escolas centraes agricolas, como haverá de surgir tambem estabelecimentos que especializem de algum modo o ensino e que estes, por sua vez, hão de ser encimados por outros de maior especialização, de programma mais minucioso, até completar um systema que realize as duas grandes finalidades de um bom systema escolar: o desenvolvimento e aperfeiçoamento da personalidade humana e o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das technicas que sejam possiveis, agradaveis e dignas da vida dos homens.

Entre os capitulos do que resta a fazer, está o muito importante da transformação das escolas ruraes do typo antigo, aquelles de que fallei a principio e que são em numero de duas por uma das novas. Haverá difficuldades em conseguir essa reforma, pois seria mais facil fundar escolas novas que modificar as antigas: aqui tivemos um campo virgem, livre de

preconceitos, alma atormentada pelo desejo de acção: lá a rotina, a desillusão, a apathia. Mas para quem visa não um programma local, porém nacional, não poderá escapar esse problema e terá de promover a reforma das 7.000 e tantas escolas nas quaes se está matando, dia a dia, a alma das crianças.

Por uítimo, posto que, com tanto ardor falamos da escola nova rural e tão alto puzemos o seu ideal, digamos tambem que ella só por si será insufficiente para resolver nosso problema. Animososa e intelligente, será; como posto avançado esquadrinhará todos os animos, mas é, não esqueçaes, apenas a guarda avançada. Atraz della devem vir todas as forças civilizantes de que dispomos. Em seu aspecto essencial e integral, a função educativa compete tanto à Secretaria de Educação como as de Agricultura, Comunicações, Hygiene, Industria, ao proprio Exercito. Entretanto, não coordenemos o programma e a acção primeiramente ao gabinete de trabalho e depois *in loco*, pois estaremos não só commettendo um erro contra o methodo e a efficiencia, mas tambem pondo em perigo o exito da obra nacional, na qual cada um de nós está interessado. A acção educativa não é, sinão em parte, obra da escola, é obra de cultura e de civilização; quer dizer a reconstrução da experiencia humana para formar o individuo e tornal-o feliz.

**Moysés Saenz**

(Subsecretario da Educação Publica do Mexico)

## EXPEDIENTE

As assignaturas d' «A Escola Primaria» podem ser tomadas em qualquer epoca, pelo preço de 15\$0000 annuaes, tanto para o Districto Federal como para os Estados.

Os pedidos devem, acompanhados da respectiva importancia, ser endereçados a Redacção, á Rua de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

## II — A Escola

### Miudezas de linguagem

#### VII

Deve pronunciar-se espirita, espírita ou espiritista?

Bluteau, Morais, Lacerda e Vieira não registam nenhuma dessas palavras. Aulete e A. Coelho consignam apenas espiritista. O primeiro assim trata da voz: «Que se refere ao espiritismo: Doutrina, teoria espiritista. — s. m. e f. pessoa partidária do espiritismo; o que dá sessões de espiritismo.

F. Espírito + ista.»

Figueiredo, na 1.<sup>a</sup> edição do Dicionário, também regista apenas *espiritista*. Mas, em as outras edições consigna espiritista e espirita.

Gonçalves Vianna, em o Vocabulário, dá espirita e espiritista.

A forma regular é espiritista, mas, segundo me parece, vai prevalecer a peor espírita, mais curta que espiritista e de acentuação semelhante à da palavra espirito.

Entre nós, ouço dizer, com frequência, espírita, com acento na antepenúltima sílaba.

Em Portugal, como aqui, diz-se das três maneiras. «O centro espiritista, em Paris, é na redacção da Revista Espiritista (creio que os adeptos vernáculos dizem espirita)...» Eça de Queiroz. Notas contemporâneas. Pág. n. 297. Ed. 2.<sup>a</sup>.

Em Minas, no meu tempo de moço,

nunca ouvi dizer-se espirita. Dizia-se muito espirita, com acento na penúltima, e, mais raramente, espiritista. Ambas as formas são boas e Laet, creio, preferia a última.

Para a forma espirita, a mais usual, não vejo modo sério de defesa. Talvez exista, mas não sei como defendê-la, sem tornar improcedente o argumento de semelhança com espirito.

O filólogo R. de Sá Nogueira, em «O Século», de Lisboa, de 27-7-928, respondendo a um consulente, estampou bem elaborada nota, de onde copio as seguintes palavras:

«... salvo melhor juizo, creio que as coisas devem ter-se passado como se segue:

1.<sup>o</sup> ao substantivo «espírito» ter-se-ia juntado o sufixo *ita*, por analogia com ismaelita, israelita, islamita, semita, etc. Esta analogia justifica-se, visto que se trata de vocábulos que exprimem ideas conexas, isto é, que designam seitas religiosas;

2.<sup>o</sup> a forma «espiritista» resultante da sufixação de *ita* a espirito, ter-se-ia abreviado por haplologia em espírita com acento na penúltima sílaba;

3.<sup>o</sup> muitos teriam passado a pronunciar esta forma com acento na antepenúltima sílaba, por analogia com espirito.

Sendo de facto essa a história da evolução fonética do vocábulo que estou estudando, a verdadeira prosódia devia ser *espirita*, com acento na penúltima sílaba...»

P. A. PINTO

# HISTORIA PATRIA

## A conjuração mineira : suas causas, seu espirito, seus efeitos

Conferencia realizada em 21 de Abril de 1928, no Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, pelo Dr. Lucio dos Santos).

«O episodio mais interessante da historia colonial de Minas Geraes é, sem contestação, a Inconfidencia, pela sua natureza, pela sua origem, pelos objectivos que collimava, pela significação que teve.

Consistiu na tentativa de uma separação violenta relativamente á metropole portugueza, com a proclamação da republica em Minas, ao modo do que se fizera na America ingleza, generalizando-se o movimento por todo o paiz.

A causa proxima da conspiração foi o lançamento da derrama. Outras causas, porém, havia mais remotas, embora não menos efficientes.

Por mais de uma vez se manifestára nas Minas o espirito de revolta. Era, dizia-se, como que um habito pernicioso, que brotava das minas, corria pelas catas e socavões, para infundir-se na alma do povo. Embora se possa dizer que, na sua maioria, não passavam taes movimentos de simples rebeldia contra medidas de caracter fiscal, certo é que, da repetição e recruscimento de taes occurencias devia resultar a formação gradativa de uma consciencia nacional, o surto de um sentimento nativista, animando as gerações já aqui formadas a adquirirem o dominio da sua propria terra, a dirigirem os seus proprios destinos, a sacudirem, emfim, o jugo estrangeiro.

Essa formação de uma consciencia nativista constituia phenomeno natural, que em vão se tentaria sopitar, porém que os erros da metropole deviam acelerar.

O desastre da colonização, tão bem

iniciada na região de Sabará, devia-se pela maior parte, á nomeação inconsiderada do fidalgo hespanhol, d. Rodrigo Castello Branco, que entrou em lucta com Borba Gato e foi assassinado pelos sequazes deste.

A rivalidade entre Portuguezes e Paulistas conflagrou a Capitania. Viu-se, porém, que um pouco mais de atenção do governo portuguez para as Minas e a escolha de homens de real merecimento, como Antonio de Albuquerque, bastavam para introduzir e manter a ordem e a paz.

As minas pertenciam ao monarcha, como representante supremo da collectividade, encarnando todos os direitos e prerogativas. Na carta regia de 12 de setembro de 1729, dizia El-Rei: «Todos os mineraes, que se acham debaixo da terra, pertencem ao patrimonio de minha real coroa, não podendo ninguem extrahil-os sem minha expressa ordem ou consentimento, e eu não desisto e nem posso desistir do direito que me compete sobre esses thesouros, que a Providencia disseminou com mão prodiga nos meus dominios do Brasil, para maior gloria e esplendor da luzitana dynastia.»

Concedendo a particulares a exploração das minas de ouro, reservava para si o monarcha uma fracção do producto liquido, isto é, o *quinto*.

Estabelecer a fracção a arrecadar era facil: conhecer, porém, o total de que deduzir a fracção em cada caso, muito difficil. Dahi as fluctuações por que passou o modo de arrecadação do quinto.

A cobrança a tanto (10 oitavas) por batea era irracional e injusta. Taxava-

se o trabalho e não a produção. Não foram pequenos os dissabores do governador d. Braz Balthazar da Silveira, a esse respeito.

Depois de varias occurencias, firmou-se o accordo de contribuirem as Camaras com 30 arrobas de ouro, annualmente, pelo quinto, estabelecendo-se uma finta geral ou *derrama*, que incidia em outras taxas, para completar aquella contribuição, quando não perfizesse a importancia estipulada.

A introdução de um novo processo, isto é, da deducção do *quinto* nas casas de fundição, embora mais racional em principio, provocou a revolta de 1720, que tanto amargou ao Conde de Assumar.

Posteriormente a essa época, varias foram as soluções adoptadas, até que, em 1734, ficou estabelecida a contribuição de 100 arrobas de ouro por anno.

Para que não pareça estarmos animados de sentimentos hostis ao governo colonial, vamos citar opiniões absolutamente insuspeitas.

Diogo de Mendonça Corte Real, ministro do Reino, deu o seguinte parecer: Não cabe na clemencia e na justiça de sua majestade impor um tributo tão oneroso e tão desigual para resarcir os prejuizos que causam á Fazenda Real os descaminhos do quinto.» Referia-se á capitação destinada a perfazer as 100 arrobas, quando necessario.

Teixeira Coelho, que visitou a Capitania e aqui permaneceu 11 annos, fala nos excessos e vexames da cobrança; mostra como comprometteu os interesses da Capitania e lhe provocou a decadencia, o zelo intempestivo de Gomes Freire de Andrade pelos interesses reaes.

Os *deficits* na arrecadação das 100 arrobas se foram accumulando. Já antes de 1789, julgava Teixeira Coelho impossivel a cobrança dos atrazados. Ainda no começo do XIX clamava Eschwege pela redução do imposto do quinto (20 %) a 10 %.

Ao tomar posse o Visconde de Barbacena (11 de julho de 1788), attin-

gia o *deficit* a importancia de 528 arrobas de ouro.

E não era essa a unica contribuição que pesava sobre o povo. Havia varios outros impostos e taxas; havia os subsidios *voluntarios*, etc. Além disso, a prohibição da pratica de algumas industrias para não desviar braços da mineração, não somente travava o progresso da Capitania, como tambem encarecia a vida.

Varios moços brasileiros haviam estudado na Europa, especialmente na França, numa época de intenso movimento de libertarias.

Um delles, José Joaquim da Maia, tentou em vão, falando a Jefferson, embaixador americano em França, attrahir a sympathia e o apoio da republica norte-americana, no caso de um possivel levante no Brasil. Dois outros, José Alvares Maciel e Domingos Vidal Barbosa, tomaram parte na conspiração.

Havia, pois, na Capitania, em resumo: um certo espirito prompto para a revolta; uma certa consciencia nacional de força e dignidade, naturalmente hostile á metropole; alguma propaganda de idéas revolucionarias, convidando a imitar os colonos inglezes da America e a contar com o auxilio da França.

Ahi estão as causas efficientes bem poderosas.

O lançamento da *derrama*, para a cobrança dos atrazados, que figurava entre as instrucções trazidas pelo novo governador — Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena; derrama esta que se extendia a todos, cuidassem ou não da extracção de ouro; devia collocar o povo numa situação de grande angustia, propicia á explosão de um levante no sentido de derribar tão oppressor governo. Tal foi a causa immediata, poderíamos dizer — occasional da conspiração.

A multidão, porém, mesmo quando profundamente desgostosa contra um governo, não se move por si mesma. São necessarios chefes para agital-a e dirigil-a, para exaggerar-lhe as espe-

ranças e agravar-lhe os descontentamentos, tornando-a irresistível pela cohesão e pela força viva.

Esses chefes appareceram.

Joaquim José da Silva Xavier, cognominado *Tiradentes*, nasceu no sitio de Pombal, na parochia de S. João d'El-Rey, a 12 de novembro de 1746. Era o quarto dos sete filhos do casal Domingos da Silva dos Santos e Antonia da Encarnação Xavier. O primeiro e terceiro dos seus irmãos seguiram o sacerdocio.

Orphão aos onze annos de idade, recebeu, entretanto, Tiradentes, como o affirma o conego Soares de Araujo, citado por E. Machado de Castro, alguma instrucção, graças aos esforços do seu irmão mais velho, instrucção que não seria certamente inferior á que se podia então receber.

Diversas commissões que desempenhou Tiradentes, o modo por que nellas se houve, e os elogios que recebeu, demonstram ser elle um homem bastante intelligente e instruido, dotado de uma grande alma, corajoso, destemido e bom.

Era um habil dentista, entendido em curativos, bastante conhecedor da arte de pesquisar e explorar o ouro e as pedras preciosas, possuidor de «intelligencia mineralogica», como se diz no officio do governador Luiz da Cunha Menezes, de 21 de abril de 1784. Pelos projectos que concebeu mais tarde, de captar as aguas dos rios Andarahy e Maracanã, aproveitando-as no abastecimento do Rio de Janeiro, projectos que foram considerados como demonstradores de pouco juizo e cuja realizacão não demorou muitos annos, revelou Tiradentes o seu espirito emprehendedor e arrojado. Pensou tambem na construcção de trapiches na cidade.

Venol-o primeiramente como dentista ambulante, em viagens constantes. Não tendo sido feliz, resolveu seguir a carreira das armas, entrando no Regimento dos Dragões da Capitania, ahi subindo até o posto de alferes.

Tentou a mineraçào, obtendo para

isso uma licença no regimento. Não foi mais feliz, nessa tentativa, e voltou ao serviço militar. Desgostoso com as preterições de que era victima, conhecedor da miseria e oppressão do povo, obteve Tiradentes licença para ir ao Rio, onde pretendia cuidar dos projectos a que nos referimos.

Em agosto de 1788, estando Tiradentes no Rio, ahi chegou, procedente da Europa, José Alvares Maciel, que era filho do capitão-mór de Villa Rica, cunhado, portanto, do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante do Regimento de Dragões, de que fazia parte Tiradentes. Foi visitado o Alferes. Essa visita é o ponto de partida da Inconfidencia.

Versou a conversação sobre o estado angustioso em que se achava a colonia portugueza, que Tiradentes descreveu com cores vivas ao recém-chegado. Por sua vez Maciel narrou ao seu visitante as impressões que trouxera da Europa. Por toda a parte, disse elle, admiravam que não tivesse o Brasil imitado as colonias inglezas, libertando-se de Portugal. Não avaliou Maciel o alcance dessas palavras, na alma ulcerada, no espirito vivo e emprehendedor de Tiradentes. Começou este a pensar na libertação, a desejal-a ardentemente e a cuidar dos meios de leval-a a effeito.

Convidou Tiradentes ao seu amigo, para juntos visitarem o Rio Andarahy, onde lhe queria expor os projectos que concebera; e lá, no silencio, longe da cidade, expoz a Maciel o plano de um levante na Capitania, capaz de alastrar-se por todo o paiz.

Voltou Tiradentes para Minas, nesse mesmo mez de agosto, e já, pelo caminho, veiu lançando as sementes da revolta, como o fez na Fazenda do coronel José Ayres, na Borda do Campo, na Fazenda do Registro, onde falou ao padre Manoel Rodrigues da Costa. Mas, não foi bem succedido.

A 28 de agosto, apresentou-se o Alferes ao seu Regimento, mas, por estar doente de um pé, conservou-se inactivo durante cerca de um mez. Procurando

depois o seu commandante Paula Freire, para com o mesmo falar sobre o recebimento de soldo, sondou-o sobre a possibilidade de um levante em Minas. Irritou-se o tenente-coronel; mas, com grande habilidade, explorou-lhe o Alferes a vaidade, dizendo que, no Rio, estavam os olhos voltados para o commandante dos Dragões de Minas. Ao ouvir taes cousas, o tenente-coronel «mascou», como disse o Alferes no seu interrogatorio.

Procurando novamente o seu commandante, encontrou em casa deste, José Alvares Maciel e padre Carlos de Toledo.

E conversaram os tres sobre o levante, que se poderia realizar, ao ser lançada a derrama.

Em dezembro de 1788, achavam-se em Villa Rica: o padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, vigario de S. José d'El-Rei, homem rico e influente, que se dirigia á Marianna, pedir ao Bispo licença para ir a Portugal; o padre José da Silva de Oliveira Rolim, que pretendia obter do governador a revogação do exilio a que fôra condemnado; e o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, poeta, ex-ouvidor da comarca do Rio das Mortes, homem de grande valor.

O padre Carlos e o coronel Alvarenga hospedavam-se com o desembargador Gonzaga, e o padre Rolim com o coronel Domingos de Abreu Vieira.

Em casa de Gonzaga e Claudio Manoel da Costa, figuras sobre as quaes não preciso falar, pois, o seu valor é por demais conhecido, reuniam-se em palestras animadas, muitos amigos de ambos, assim o conego Luiz Vieira, orador notavel, admirador dos Estados Unidos, Maciel, Alvarenga e outros. Nessas palestras versavam-se assumptos literarios, sendo natural, porém, que algo se tratasse a respeito da Capitania, do estado desta, suas difficuldades e esperanças.

O padre Carlos e o coronel Alvarenga frequentavam tambem a casa de Paula Freire.

Os primeiros conjurados foram,

pois: Tiradentes, Maciel, Paula Freire e padre Carlos.

A uma nova reunião, compareceu tambem Alvarenga.

O padre Carlos e Alvarenga foram levar a nova a Gonzaga e Claudio. Tiradentes, por seu lado, conseguiu a adhesão do padre Rolim, do coronel Domingos Vieira e de Salvador Gurgel do Amaral.

Mais tarde, mais ou menos pela oitava do Natal, 1788, houve a mais importante de todas as reuniões, em casa de Paula Freire, estando presentes Maciel, Tiradentes, padre Carlos, padre Rolim, e Alvarenga, tendo sido este chamado por um bilhete do padre Carlos.

Tiradentes expoz todo o plano. Discutiram-se varios assumptos. Ficou assentado o programma de levante, para logo que se lançasse a derrama, nos seguintes termos, mais ou menos: — Lançada a derrama, Tiradentes sahiria pelas ruas a sublevar o povo. A senha para os conjurados seria esta: *Hoje faço o meu baptizado*. Revoltado o povo, acudiria Paula Freire, a frente do Regimento, como para subjugar os amotinados, mas na realidade para fraternizar com elles. Seria proclamada a republica, sendo preso o governador. A capital do novo estado seria S. João d'El-Rei, creandose uma Universidade em Villa Rica.

Adoptava-se como symbolo, na bandeira da nova nacionalidade, um triangulo com a inscripção — *Libertas quæ sera tamen*. Seriam livres o commercio do ouro e a exploração de diamantes. Installar-se-iam fabricas de ferro, de manufacturas, de polvora, casa da moeda, etc. Tiradentes ficava incumbido de attrahir adeptos em toda a parte. O padre Carlos iria espalhar a idéa em São João e S. José. O padre Rolim iria agitar o Serro e o Tejuco. Domingos de Abreu daria alguma polvora.

Outras reuniões houve de somenos importancia.

Dispersaram-se os conjurados. O padre Carlos alcançou a adhesão do sargento-mór Luiz Vaz de Toledo e Piza, seu irmão, o qual, por sua vez obteve a

do coronel Francisco Antonio de Oliveira, do capitão José de Rezende Costa e do filho deste, de igual nome, e a do coronel Joaquim Silverio dos Reis.

Este, que era devedor á Fazenda, seguiu para Cachoeira do Campo, levando aos ouvidos do Visconde de Barbacena, o plano da conjuração: Seguiram-se as delações do coronel Basilio de Brito Malheiro e do mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona.

Já se vê que não foi pela tão falada leviandade de Tiradentes, que se veio a perder a conspiração.

Sabedor de tudo, suspendeu o Visconde o lançamento da derrama, ordenou a prisão dos principaes e organizou terrível devassa.

A esse tempo, havia seguido Tiradentes para o Rio, acompanhado de perto pelo infame delator e espião Joaquim Silverio, sendo preso na noite de 10 de maio de 1789, numa casa da rua dos Latoeiros, e enviado para a fortaleza da Ilha das Cobras.

Gonzaga, Alvarenga, Paula Freire, Maciel, padre Carlos, padre Rollim, Luiz Vaz de Toledo, Domingos de Abreu, conego Luiz Vieira, padre Manoel Rodrigues e varios outros, presos em Minas, foram remettidos para o Rio. Claudio Manoel suicidou-se na prisão em Villa Rica, na noite de 4 de julho.

Por sua vez, iniciou o Vice-Rei, Luiz de Vasconcellos, uma devassa no Rio, estendendo-a depois a Minas. A 24 de dezembro de 1790, chegou ao Rio a Alçada, que devia julgar os reus.

No dia 17 de abril de 1792, foram os reus, com excepção dos religiosos, conduzidos á sala do Oratorio, na cadeia publica. No dia seguinte, lavraram os juizes a sentença, tarefa que consumiu 18 horas. Na madrugada do dia 19, foi a sentença lida aos reus, gastando-se nessa leitura, 2 horas.

Pela sentença, 10 dos principaes conjurados eram condemnados á morte, e os outros a degredo perpetuo ou temporario. Seguiu-se a scena indescritivel do Oratorio, em que aquelles homens, na expectativa do seu horróroso

destino, permaneceram o resto do dia 19 e toda a noite seguinte, na mais profunda angustia.

Na manhã de 20, após a missa, foi lida a sentença que commutava em degredo perpetuo a condemnação á morte, exceptuando-se apenas do perdão o Tiradentes, sentença a que estavam autorizados os juizes, por carta regia de 25 de outubro de 1790, havia, pois, 18 mezes! Era preciso, porém, augmentar o terror do povo e fazer resaltar, pelo contraste, a clemencia da rainha.

Scenas lamentaveis de alegria, seguindo-se a scenas lamentaveis de pavor, na sala do Oratorio, deixaram-nos provas da fraqueza dos conjurados. Um homem se conservou superior a tudo isso, como o unico capaz de salvar a dignidade dos patriotas, prestes a sobrar em lamentavel naufragio — Tiradentes. Delle deu este bellissimo testemunho o frade que assistiu os ultimos momentos dos inconfidentes: «Não o tocou a inveja, nem o entristeceu neste lance a sua desgraça. Debaixo de um ar sincero, e moderado, fez apparecer a sua alegria, e do seu logar deu os parabens, que poudes, como se não tivesse de si lembrança alguma.» Que vôo sublime, das profundezas da miseria humana, para as alturas luminosas onde só podem pairar os grandes espiritos! Exemplos de tamanha grandeza d'alma, em momentos tão graves, face a face com a morte, são muito raros!

No dia seguinte, 21 de abril de 1792, que era tambem sabbado, ao meio dia, no largo da Lampadosa, foi enforcado o incomparavel chefe da conjuração mineira, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. O seu cadaver foi esquartejado, sendo os despojos enviados para serem expostos nos principaes pontos da sua propaganda. A cabeça do martyr foi reservada para Villa Rica.

Os outros conjurados foram condemnados a degredo perpetuo uns, temporario outros, em terras da Africa. Os cinco sacerdotes foram internados em mosteiros em Lisboa.

Tal foi a Inconfidencia Mineira nas suas causas e no seu espirito. Antes de passarmos a eximial-a nos seus effeitos, estudemos esta questão: Qual foi verdadeiramente o chefe da conjuração?

E' opinião muito corrente que a idéa fundamental da conjuração se deve encontrar nas palestras literarias em casa de Gonzaga e na de Claudio. Não o cremos. Certamente, deviam esses homens cultos, nas suas conversações, referir-se á possibilidade de libertação futura da sua terra, como aliás se dava com as colonias dos outros paizes. Mas, é *a priori* um erro ir procurar conspiradores entre esses homens bem installados na vida, sempre distinguidos pelos governadores, occupando ou tendo occupado cargos importantes na administração, possuindo alguma fortuna. No caso especial de Gonzaga, noivo, intensamente apaixonado, tendo obtido nomeação para um cargo de importancia, mais adequada é essa observação.

*A posteriori*, é facil mostrar que delles não partiu a idéa do levante.

E' fóra de duvida que, no periodo da conjuração; digamos — de agosto de 1788 a abril de 1789, houve duas séries de reuniões: uma nas casas de Claudio e Gonça com a presença de Alvarenga, padre Carlos, Luiz Vieira e, ás vezes, Maciel e Paula Freire, além dos dois acima citados; e outra na casa de Paula Freire, com a presença deste, de Tiradentes, padre Carlos, padre Rollim, Maciel e Alvarenga.

1.º — Qual das duas precedeu á outra?

Ao ser interrogado, disse Claudio que, estando com o padre Carlos e Alvarenga em casa de Gonzaga, este formulou a hypothese da republica que os outros abraçaram, menos elle, Claudio.

E' essa a unica prova que temos, de caber a prioridade á Gonzaga; foi a que Joaquim Norberto adoptou. Prova fragillissima é essa, pois, o interrogatorio de Claudio é lamentavel. Gonzaga negou com a maxima segurança; e Tiradentes, sempre veridico no processo, diz

que o poeta não fazia parte da conspiração.

Recorramos a outros elementos de prova. Temos quatro de primeira qualidade. O padre Carlos diz positivamente que, na primeira reunião em casa de Paula Freire, estando presentes, além do mesmo, Maciel, o coronel Alvarenga, o Alferes Joaquim José e o respondente, o Alferes expoz o plano do levante, e que *as conversações em casa de Gonzaga e Claudio foram posteriores*. Alvarenga, depois relatar o que se passou na reunião em casa de Paula Freire, diz que, *contando esse incidente a Gonzaga*, em cuja casa estava hospedado com o padre Carlos, ambos acharam muito util a separação do Brasil, apoiando a idéa. Paula Freire e Maciel vão mais longe, attribuindo a Tiradentes a prioridade da idéa.

Assim, pois, em contraposição a uma afirmação indecisa de Claudio, temos quatro firmes, concordes e concludentes. Portanto, a idéa do levante, tratada com calor e entusiasmo nas reuniões em casa de Paula Freire, que foram as primeiras, foi levada para o cenaculo literario de Gonzaga e Claudio, pelo padre Carlos e Alvarenga.

Logo: As primeiras reuniões em que se tratou do levante foram as realizadas em casa de Paula Freire; destas, saltou a idéa para as reuniões em casa de Gonzaga e Claudio, onde não passou de conversa.

2.º — Dentre os conjurados, quaes os que frequentaram as duas séries de reuniões, a que nos referimos?

O padre Carlos, Alvarenga, Maciel, Paula Freire frequentaram as duas séries; Claudio e conego Luiz Vieira só as reuniões em casa do primeiro e de Gonzaga; Tiradentes e o padre Rollim, só as da casa de Paula Freire. Resta Gonzaga. Alvarenga disse que, chamado á reunião em casa de Paula Freire, ao ahi chegar, encontrou Gonzaga. Acareado com o desembargador, o padre Carlos e o conego Luiz Vieira, foi Alvarenga muito menos affirmativo e disse que talvez se tivesse enganado. Tira-

dentes disse que, estando reunidos, entrou Gonzaga, e todos se calaram, passando a falar em outros assumptos. O padre Carlos afirma que, ao entrar, encontrára Gonzaga, que sahia. O padre Rollim nega a presença de Gonzaga.

A conclusão é que Gonzaga, mesmo tendo estado na casa de Paula Freire, quando estavam reunidos os conjurados, não tomou parte na reunião dos mesmos.

3.º — Quem teve a prioridade da idéa?

Foi Tiradentes. Elle o affirmou, e tudo o confirma. Elle nos diz que, indo á casa de Paula Freire, lá encontrou Maciel e o padre Carlos e, aproveitando a occasião, tratou do levante, sendo essa então «a primeira vez que nas Minas se falou no projecto do estabelecimento da republica, e nos meios que para isso devia haver.»

E' certo que os conjurados, especialmente o padre Carlos, muito falavam em Gonzaga e Claudio, com o intuito de attrahir adeptos, servindo-se desses nomes. O padre Carlos confessou lealmente depois esse objectivo, affirmando ignorar que os seus amigos fizessem parte da conspiração.

E' certo que Joaquim Silverio deu Gonzaga como chefe; mas, o traidor soube da conspiração pelos amigos do padre Carlos, dahi o seu erro.

Por isso, o Visconde de Barbacena, que a principio acreditou ser Gonzaga o chefe, acabou convencido de que Tiradentes «era o principal motor da projectada sublevação».

Quem teve, pois, a prioridade da idéa do levante, quem por esse intento mais se esforçou, aquelle que definitivamente sagraram chefe os proprios juizes, foi o Alferes Joaquim Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Resta-nos examinar a importancia historica do Inconfidencia e os seus effeitos.

Não faltou quem desmerecesse a Inconfidencia Mineira, na sua origem e na sua importancia.

Ora, examinando objectivamente a

questão, não se pode deixar de reconhecer que a conjuração mineira tinha elementos de exito e foi uma tentativa viavel e perfeitamente caracterizada da libertação do Brasil, proclamando-se a republica.

O povo estava prompto á revolta, em consequencia da situação afflictiva em que se encontrava. O momento era opportuno, pelo lançamento da derrama. Da conspiração faziam parte homens de incontestavel valor, a começar pelo commandante do Regimento de Dragões, que era a segunda pessoa da Capitania.

Poucas foram as reuniões. O plano do levante não foi minucioso. Mas, em rigor, uma só reunião pode bastar para um levante daquela natureza, ou, pelo menos, não é do numero de reuniões que depende o successo de uma empresa. Um plano demasiadamente minucioso, em assumptos desses, pode ser contra-productente; preferivel é, quasi sempre, esboçar as idéas geraes e proceder depois depois com a marcha dos acontecimentos.

Entretanto, a insufficiencia da propaganda, que não foi possivel fazer-se em outras capitánias, especialmente no Rio e em S. Paulo, como o entendia Tiradentes, tornava difficil que, lançada a capitania de Minas em plena revolta, lhe viessem em apoio as outras. Ahi estava um grande factor de inviabilidade.

Não se pode tambem dizer que fosse prematura a tentativa em favor de uma idéa, que se veiu a realizar apenas 33 annos depois, ou mesmo mais cedo ainda, porquanto a independencia do Brasil não foi o grito do Ypiranga.

Entretanto, é licito duvidar que nos fosse preferivel o advento da republica em 1789, em vez de seguirmos uma evolução mais segura, através da monarchia. A nossa situação não era comparavel á das colonias inglezas do norte. Teriamos talvez seguido o lamentavel destino das colonias hispano-americanas, isto é, teriamos aberto o nosso caminho no meio de vacillações entre a dictadura e a anarchia. Quando a educação politica falta a um povo, disse eu alhures,

ella só lhe pode vir como o resultado de uma cultura, que exige longos annos. Ora a força não substitue o tempo, nem a revolta infunde aos povos a capacidade, que não possuem. Assim, pois, a intercorrenca do periodo imperial foi util á nossa vida social.

A independencia, sob o regimen monarchico, nos veiu pela ordem natural das cousas, sem abalo nem choque, como um fructo plenamente sazornado.»

Essas considerações não diminuem a importancia historica da Inconfidencia, nem apagam a nossa gratidão. Essa tragedia pavorosa constitue um grande marco na nossa historia, e a sua memoria é e será sempre o alimento dos grandes ideaes patrioticos, que exigem abnegação, desprendimento e sacrificio, cousas tão raras hoje e de que tão bellos exemplos se encontram na Inconfidencia.

## Pratica da Escola Activa

LIÇÃO — CONFERENCIA REALIZADA, NA ESCOLA CELESTINO SILVA

Illmo. Sr. Dr. Everardo, Backheuser, minhas senhoras, minhas collegas.

Em começo de Setembro tive a subida honra de receber inesperadamente, em minha sala de aula, a visita do eminente engenheiro e professor Dr. E. Backheuser, acompanhado de D. Alcina Moreira de Souza e D. Eulina Nazareth, directora da escola.

Apresentei-lhes alguns trabalhos feitos pela classe e que obedeciam a um plano por mim traçado previamente a guisa de programma e constituido por uma serie de centros de interesse.

O Dr. Backheuser demonstrou deslogo grande entusiasmo e ao cabo de duas horas, não podendo ver todos os trabalhos marcou nova visita para a quinta-feira proxima a esse dia.

Não pôde vir; foi, porem, D. Alcina que viu mais alguma cousa e disse-me

que ficaria mais satisfeita si todas as collegas tivessem conhecimento dessa orientação seguida na applicação da Escola Activa.

Pedi-me então, para eu tratar aqui do estudo feito em torno de um dos centros já começados.

Achou, ella, que seria este de hoje o mais interessante visto tratar de um assumpto ainda não explorado e de realização externa ou extra-muros escolares.

Como já disse, adoptei uma serie de centros de interesse preestabelecidos conforme o graphico que apresento; mas, este de hoje não é nenhum daquelles e sim uma parcella de um delles; é um centro de interesse decorrente de uma oportunidade.

De accordo com o que já disse o prof. Backheuser, verifiquei em aula que os centros de interesse verdadeiros são os decorrentes das varias circumstancias que se nos apresentam.

Os outros, porem, se tornam necessarios para guia da professora, isto é, para que ella, levada pelas oportunidades, não se prenda demasiadamente ao estudo de certas sciencias.

Por exemplo: tomando para centro de interesse, ainda que decorrente, como deve ser, o trigo, a beterraba, a mandioca, o milho, o boi, o carneiro, o cavallo, o elephante, etc está sempre, a professora, em torno dos alimentos ou dos animaes e estudando Historia Natural.

Embora dahi se possa irradiar para todas as sciencias, a principal, aquelle que apanha o começo da attenção das creanças e que é a melhor não mudará.

Ao passo que os centros de interesse preestabelecidos visam cada um principalmente, uma sciencia differente.

A professora está na semana em que deve irradiar do centro preestabelecido — Terra.

Antecipadamente ornamenta a sala com vasos, jarros, solitarios, moringues, de varias formas, substancias, e decorativos diversos. O novo aspecto da sala, desperta naturalmente, o interesse

das creanças, para a sua causa. Com liberdade de acção, ellas tomam os vasos e demais objectos e observam e perguntam muito.

Variando a observação e perguntas de criança a criança, a professora tem de si um campo vastissimo para o ensino de Mineralogia, Historia Geral e Indigena, Geometria, Calculos, etc.

Esse centro occupa a attenção das creanças durante muito tempo.

Desde, porem, que dois terços da turma não mais se interessam, a professora deve abandona-lo e então, não insistir em tomar agora para centro de interesse. Aporcellana ou o vidro, iria, por exemplo, soltar um balão com as creanças.

Despertaria novamente o interesse espontaneo, mas, agora, tendo a Physica como sciencia inicial. Gyraria o estudo em torno do centro — Ar.

E' de accordo com essa orientação que este centro de interesse de hoje, não estava terminado, como varios outros, embora eu já estivesse tratando de outro assumpto. Não se deve nunca, perder as oportunidades que nos são vantajosas sem entretanto, nos escravirmos a ellas.

Se me foi offerecida occasião de poder ir visitar a Fabrica de Calçado Polar, porque iria eu insistir em tratar de perfumes? As creanças não me responderiam efficientemente.

Porque então, pude voltar ao assumpto, já abandonado?

E' que surgiu outra circumstancia que a isso me conduziu: o convite que recebi para fazer esta lição.

Foi esta lição de hoje de que tiveram conhecimento os alumnos, que atrahiu a attenção da classe novamente, para o assumpto e despertou-lhe o interesse. Elles souberam que seus trabalhos iriam apparecer, empregaram para isso o maximo esforço e dedicação.

Devo dizer entretanto, que se esses trabalhos representam para os alumnos e professora, um grande esforço e força de vontade, não são modelares, de grande perfeição.

Seria preciso, para que fosse reconhecidos o seu valor que eu fizesse o historico da turma.

E' possivel que, qualquer de vós com outros elementos e sem as interrupções que tive, possaes, applicando este mesmo centro, obter melhores trabalhos.

Entremos no assumpto:

Visita á fabrica de perfumes

«BEIJA-FLOR»

1º aula

*Opportunidade* apresentada para essa excursão. — O convite.

Acontecimento extraordinario desse dia. *Linguagem escripta* — Diario; — alumna Hellena M. por eleição da turma.

2º aula

*A realização da excursão*: Observações feitas. *Ling. escripta*: — Relatorio — alum. Elza S. M., por escolha dentre os de Marillia, Esther e Hellena.

3º aula

*Leitura*, critica, correcção e resumo do Relatorio, feito por todos os alumnos. *Ling. oral*: aula collectiva.

4º aula

*Dia da Leitura* do Relatorio; facto extraordinario desse dia: Assistencia de normalistas — Diario. — *Ling. escr.*; alum. Elza. L.

5º aula

*Caminho seguido para a fabrica*. Planta intuitiva á simples vista. *Deseenho de memoria*. Marilia C. M.

6º aula

*Primeira impressão*: os frascos de perfumes. *Des. copia do natural*. Marilia (aula collectiva).

7º aula

Agua de colonia «Meu coração». *Modelagem*. Olga. M.

8º aula

*Caminho seguido para a fabrica*. *Planta por escala*. *Des. topographico*. Geographia e *Topographia*. Rubem L. auxiliado pelos collegas.

9º aula

No *caminho seguido* para a fabrica; o visinho da esquerda, o Club de S. Christovam: *O jogo*. Composição. *Ling. e Educação Moral*. Nomisa F. A. e Deoclecia F.

10º aula

O jogo. Problemas sobre juro, organizados em aula com a collaboração da classe (aula collectiva). *Arithmetica*. Hilda A. e Rubina S. M.

11º aula

I

*Planta por escala 1000* das ruas que passam em frete á escola. *Problemas sobre superficie e reduções a multiplos e submultiplos*. *Arith. e Systema Métrico*. Anacleto G.

12º aula

*Caminho seguido*. Area do trecho do Campo em que está situado o coreto, isto é, *area de pentagono irregular*; area occupada pelo coreto ou *area do octogono regular*; volume do porão do coreto ou *volume do prisma octogonal*; area lateral do mesmo ou *area lateral do prisma*; por associação, *area total do prisma*. Declive da escada. *Arith. e Geometria*. (Avista do atrazo da turma, esta aula deveria ser desdobrada em muitas outras para que o respectivo assumpto fosse bem comprehendido pelos alumnos. A falta de tempo para isso não pode ser realizada).

13º aula

O coreto. *Des. : copia do natural*. Djalma.

14º aula

*Productos de perfumaria*. Cartazes para reclame. *Des. de imaginação e decomposição*. Concurso entre os alumnos que quizeram concorrer. (Aula collectiva).

15º aula

*Compra de perfumes e derivados*. Relatorio e carta. *Linguagem*. Elza S. M. e Elza L.

16º aula

*Montagem de uma fabrica de perfumes* Problemas sobre taxa, capital e tempo, organizados em collaboração. —

(Aula collectiva) *Arith.* Rubina, Nadyr C. M. e Olga.

17º aula

*Avaliação de productos de perfumaria*. Problemas organizados pelos alumnos que fizeram. *Porcentagem*. *Arith.* Ernestina C., Julio e Nomisa.

18º aula

*Os frascos de perfumes e suas formas*.

*O tronco de cône; o cône; area do circulo da base; volume do cône*. *Geometria e Arith.* (Esta aula não pode ser realizada a falta de tempo para a assimilação do respectivo assumpto pelos alumnos).

19º aula

*O perfume* Composição literaria. *Ling.* Elza S. M.

20º aula

*Versos sobre o perfume*. Passa-los para prosa na ordem directa; construção da phrsc. *Grammatica*. Nadyr.

21º aula

O olfacto. Zoologia, (aula collectiva).

Composição. *Ling.* Elza L. e Olga.

22º aula

*Respiração*. *Zool.*, (aula collectiva). *Ling.* Composição e carta. Hellena e Ernestina.

23º aula

*Ospulmões*. *Modelagen*. Helena.

24º aula

O ar, sua composição e propriedades.

*Chimica*. (Não foi realizada).

25º aula

O oxygenio e a combustão. A huilha; combustiveis naturaes e artificiaes. (Não foi realizada).

26º aula

A flor. *Dictado e pontuação* *Ling.* Noimisa.

28º aula

*Analyse logica e grammatical* de um trecho do Dictado. Hellena.

29º aula

A flor. *Botanica*. (Aula collectiva). Composição. *Ling.* Esther e Marilia.

30º aula

A flor *sylvestre* e *folhas brateas*.

*Des. copia do natural e paineis.* Elza L. e Marília.

31º aula

*A rosa.* Composição literaria. Ling.

Diva G. B. e Maria de Lourdes P. S.

32º aula

*A rosa.* Analyse log. e gram. Celita.

33º aula

*Flores e iuflorescencias.* Modelagem. Rubina.

34º aula

*A flor, o jasmim.* Centros de mesa. *Recortes. Trabalhos manuaes.* Evaldina V.

35º aula

*Essencias, oleos e sabões.* *Acidos e alcalis.* *Chimica.* Composição. Ling. Maria de Lourdes G. E.

36º aula

*O alcool, sua applicação na industria de perfumes.* *Physica.* Ling. Composições de Aida G. e Celita M. L.

37º aula

*O alambique.* Modelagem. Deoclecia.

38º aula

*O alcool como alimento.* *Hygiene e Ling.* Composições. Diva e Esther.

39º aula

*A canna de assucar, sua producção e utilidade.* *Geographia economica.* Nomisa.

40º aula

*A canna de assucar.* Modelagem. Djalma.

41º aula

*Regiões productores de canna.* Pernambuco e o Nordeste. *Geographia physica, historica e economica.* (aula colectiva). Relatorio. Ling. *Cartographica.* Celita e Hellena.

42º aula

*Regiões productoras de canna.* Campos e Região Oriental. *Geographia physica, historia e economica,* (aula colectiva). *Cartographia e Test.* Hilda e Diva; Elza M. e Marília.

43º aula

*Productos do Nordeste,* Obabassú,

a canna, o algodão, paixes, *Des. copia do natural, de memoria, frizos decorativos.* Elza L., Aldahir, Diva.

44 aula

*Productos do Brasil Oriental:* fumo, cacau, cocos, canna, milho, feijão, pagão, cabra carneiro, peixes. *Des. copia do natural, de memoria, de imaginação, frizos decorativos.* Evaldina, Esther, Julio, Diva, Noemia A., Nadyr, Aldahyr, Ary C., Hilda, e Aida.

45º aula

*O Nordeste e a Região Oriental.* Modelagem. Celita e Hida.

46º aula

*Principaes factos historicos dessas Regiões.* Invasões hollandezas, francezas e inglezas. *Leituras oral e silenciosa, synonymia e resumo oral.* *Historia do Brasil e Ling. oral.* (aula colectiva).

47º aula

*Invasão franceza no Rio de Janeiro.* *Des. de imaginação.* Elza L., Elza S. M. Marília e Aida.

48º aula

*O beija-flor,* marca registrada da fabrica de perfumes. *Des. copia.* Elza L. Modelagem. Nomisa.

49º aula

*O perfume e sua origem.* *O Oriente. Historia da Civilização.* Composição literaria. Ling. Elza S. M.

50º aula

*O Oriente.* Modelagem Elza S. M.

Este centro de interesse foi tratado em varias occasiões, sendo que a ultima vez durou mais de quinze dias.

Por essa razão é que disse não poder durar mais de uma semana o estudo de um centro porque é impossivel elucidar, demonstrar e comprovar, todas as observações feitas no dia da excursão e executar os trabalhos manuaes correspondentes.

A proposito dos perfumes, flor essencias e alcool, ainda podia ser feita a applicação da flor em bordados e trabalhos varios de agulha e ser feito o licor. (Artes domesticas).

As aulas que não foram realizadas,

mencionei-as para serviram de suggestões ás collegas que assim vêm que é possivel em cada centro de interesse tocar em todas as materias e avançar mais ou menos em cada uma conforme o adiantamento dos alumnos e a capacidade de assimillação delles.

Alice Corrêa Jorge da Cruz  
(Adjunta da Escola de Applicação).

### TRES PALAVRINHAS

**Canova.** Dir-se-á *Cánova* ou *Canóva* este nome proprio? Do escultor italiano notavel, que viveu em fins do seculo 18º e começo do 19º, o verdadeiro nome é *Antonio Canóva*. A confusão em que incorrem alguns provém de *Canovas del Castillo*, notavel politico e estadista espanhol do seculo 19º. Este era *Antonio Cánovas del Castillo*.

Ha, portanto, *Canóva* e *Cánovas*.

**Numida.** — Os nomes de que se occupa a historia levantam frequentemente duvidas de pronuncia entre estudantes e até entre professores. Assim, muitas vezes ouvi discutir ou pelo menos senti hesitação entre *Númidas* e *Numidas*. A verdadeira pronuncia é a primeira. *Númidas* chamavam os romanos ao famoso povo da Africa.

**Pollux.** — Encontro em uma lista de palavras, cuja prosodia o autor annotou com esforço e boa vontade, mas nem sempre com felicidade, a indicação *Pollúx*, oxytona. Não posso deixar passar como coisa julgada a sentença. A vogal *u* era, effectivamente, longa em latim e por isso, se aportuguezassemos a palavra diriamos *Polluce* ou ate *Polluz*, com accentuação tónica em *lu* ou *luz*. Escripto, porém, com *x* final o vocabulo, isto é, conservado seu aspecto latino, é *Póllux* que devemos dizer, como é mais corrente. Creio não haja duvida quanto ao *x* final, cujo valor é *cs*. E', portanto, *Póllux* que devemos pronunciar o nome da brilhante estrella da constellação dos Gemeos.

Mestre Escola.

### CORRESPONDENCIA DE TRES PALAVRILHAS

**A. F. R.** — Vou proceder, conforme ao que deseja, á divisão do periodo em suas orações.

«Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer «olvidar a pequena patria; des- «sa arvore majestosa, que se «chama a nação, o paiz, não «ha quem não sinta que a raiz é a familia e o berço patrio.»

«JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

1. Mas a grande *patria* não pode fazer olvidar a pequena patria
2. deixem-me dizer assim
3. não ha *aquelle* (*quem=aquelle que*)
4. que não sinta
5. que a raiz dessa arvore majestosa é a familia e o berço patrio
6. que se chama a nação, o paiz.

Na primeira oração ha que observar *aquelle mas*. Palavra coordenativa, não tira, entretanto, á oração seu caracter de principal. E' que elle está ordenando «todo o periodo» e não a simples proposição.

Observe-se ainda o verbo: *poder fazer olvidar*. Embora seja um o sujeito de *pode fazer* e outro o de *olvidar*, a tendencia dos estudiosos é considerar os verbos *poder fazer*, *mandar fazer*, *fazer sahir*, *deixar dizer*, etc. como blocos ou construcções verbaes inseparaveis, ainda que haja de permeio um complemento: *fizemo-lo trabalhar mandal-o-ei sahir*, etc.

A segunda oração é «extra-periodica». Ahi deve ser observado o verbo *deixar dizer*, como acima.

Ha ainda quem analyse separando *fazer de olvidar* e *deixem-me de dizer*.

A seguir este criterio, teriamos:

1. Mas a grande *patria* não pode fazer
  2. Olvidar (i. é, ser olvidada) a pequena patria
  3. Deixem-me
  4. dizer assim.
- etc. etc.

M.-E.

### III - Lições e Exercícios

#### Educação do Homem e do Cidadão

##### Suspensão dos direitos de cidadão brasileiro

Estabelecidas as condições mediante as quaes se adquire a qualidade de cidadão brasileiro, licito é perguntar se não se podem perder os direitos de cidadania ou se taes direitos podem ser suspensos.

Claro que sim, em ambos os casos. A Constituição ennumera as hypotheses em que se suspendem e se perdem os direitos de cidadão brasileiro.

Antes, porem, de entrar no dispositivo constitucional, tenho de advertir que, dizendo a Constituição que se suspendem ou se perdem os *direitos* de cidadão, quer apenas referir-se aos direitos politicos, isto é, aquelles que constituem a differença entre os nacionaes e os estrangeiros domiciliados no paiz. Os direitos chamados «naturaes» não se suspendem nem se perdem. De alguns delles (o das varias modalidades juridicas da liberdade, por exemplo) podemos ter suspenso o gozo, em virtude de lei.

Os direitos politicos suspendem-se (art. 71 § 1º da Constituição):

a) por incapacidade physica ou moral.

b) por condemnação criminal, emquanto durarem seus efeitos.

Por *incapacidade physica* se deve entender a impossibilidade material legal de exercer os direitos politicos. Assim, não é incapaz para gozar dos direitos politicos aquelle que tenha *qualquer* defeito physico. Um individuo a quem faltem braços ou pernas não é, de maneira alguma, incapaz de exercer direitos politicos, participando do regimen politico da sociedade. E', porém, incapaz o louco, e como tal lhe são sus-

pensos os direitos politicos, emquanto durar a perturbação cerebral averiguada e demonstrada.

##### Perda dos direitos de cidadão brasileiro

Os direitos politicos de cidadão brasileiro perdem-se (art. 71 § 2º da Constituição):

a) por naturalisação em paiz estrangeiro.

b) por acceitação de emprego ou pensão de governo estrangeiro sem licença do Poder Executivo Federal

e mais (art. 72 § 29 da Constituição):

c) os que allegarem motivo de crença religiosa com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham aos cidadãos.

d) os que acceitarem condecorações ou titulos nobiliarchicos estrangeiros.

Quanto á primeira hypothese, é perfeitamente clara. Os que adoptam voluntariamente outra patria cortam com a primitiva todos os laços politicos, ainda mesmo que lhe conservem aquelle amor saudoso que os compromissos politicos não podem, via de regra, arrançar do coração.

Pela acceitação de emprego ou pensão de governo estrangeiro poderá o brasileiro ficar em situação de dependencia que lhe cerceie a liberdade e dahi a necessidade do exame de cada caso pelo poder executivo federal, que poderá conceder ou negar permissão.

As duas ultimas hypotheses têm sido muito discutidas. A terceira é, propriamente, uma represalia exercida legitimamente pela nação contra aquelles que della só querem auferir beneficios, furtando-se aos deveres penosos. Em um caso tem sido julgado, com razão, que

### Geographia

não desabona o procedimento dos que nella incorrem: é o caso dos religiosos, sujeitos a voto de obediencia, pois estes, pelo proprio voto, são considerados incapazes para o exercicio do direito de voto, que é o mais importante dos direitos politicos.

Quanto á quarta hypothese, é hoje corrente entre os estudiosos de direito, que se trata de disposição de impossivel applicação. E', praticamente, «letra morta». Realmente, se se tratasse de titulos que dessem a seus possuidores poder de mandar, de governar em paiz estrangeiro, esse paiz estaria tacitamente naturalizando o beneficiado, que tambem tacitamente perderia a nacionalidade brasileira. Os titulos de *barão, conde, marquez, commendador, cavalheiro, official*, etc. com que são gratificados pelos governos estrangeiros, de quando em quando, alguns de nossos patricios, são apenas distincções honorificas por serviços honestos prestados. São titulos de louvor, testemunhos de gratidão. Seu uso ostensivo é apenas signal de futilidade de espirito e não estão incluidos entre os politicamente incapazes os futeis, os toleirões, os vaidosos. Se, pois, por serviços prestados a seus subditos, o chá da Persia mimosear um brasileiro com o titulo de barão do Crescente ou de senhor dos elephantes de ouro, isso não ha de privar o nobilitado patricio de exercer em sua patria os direitos de votar, ser votado, exercer cargos publicos, etc.

Para nós, tudo isso vale muito menos do que uma sessão solemne em que universidade estrangeira proclame os meritos de nossos patricios estudiosos. Apenas, neste ultimo caso se trata de coisa que conforta, que alegra realmente a gente culta do Brasil, ao passo que no primeiro, quando são titulos ganhos sabe Deus como, ha apenas futilidade de gente tola.

Othello Reis.

Uma das provas é o movimento aparente dos demais astros, de que antes vos falei. Olhando o céu, o homem tem a impressão de que em torno de um eixo, cujo centro é occupado por elle proprio, estão a mover-se no céu todos os astros, do Oriente para o Occidente.

E' o movimento da Terra, no sentido *directo*, isto é, do Occidente para o Oriente, que nos dá a illusão do movimento dos astros, a descrever circulos em torno della, no sentido *retrógrado*, isto é, do Oriente para o Occidente.

Mas quem nos garante que não seja o dos demais astros o movimento real e o da Terra imaginario? Será impossivel admittir que todo o Universo gyre submissamente em volta da Terra?

Durante muito, muito tempo assim pensaram, effectivamente, os homens mais cultos da antiguidade. Hoje, porém, é impossivel admitil-o. Basta raciocinar assim:

Sabemos que os planetas já se acham a distancias enormes da Terra; as estrellas, essas então, acham-se tão afastadas que sua distancia só pode ser apreciada pela nossa intelligência por meio de comparações grosseiras, como o numero de annos que a luz gasta para vir dellas até nós, ou com o numero de seculos a fio que seria necessario viajar alguém (se tal sonho fosse realizavel) no vehiculo mais rapido imaginavel, para alcançal-as, etc.

Pois bem, para que todos os astros gyrassem em torno da Terra, effectuando a viagem no mesmo tempo (o periodo de um dia) seria necessario admittir velocidades, que estão fóra da possibilidade. A esta demonstração falta o caracter experimental. A intelligencia não pode acceital-a...

A successão do dia e da noite é consequencia do movimento de rotação da Terra e serve, certamente, para proval-o. Mas não convence de todo, pois se o Sol se movesse em torno da Terra, como parece fazer, o resultado seria o mesmo.

Ainda muito importante é a observação dos astros da mesma natureza da Terra (os planetas). Todos possuem movimento de rotação, observável por meio da luneta, no mesmo sentido em que se effectúa o da Terra. Mas... a Terra poderia ser a excepção unica.

Até aqui, pois, não vimos provas sensíveis. Em verdade, é difficil escolher provas experimentaes. A illusão do movimento do céu é muito grande e perturba a comprehensão.

Procurando, entretanto a prova da rotação em phenomenos terrestres, cuja observação não depende das dos demais astros, conseguiu o homem recolher numerosos dados experimentaes, sufficientes para convencer-nos da rotação da Terra em torno do proprio eixo, embora sem fornecer a explicação do phenomeno.

Taes dados experimentaes são de duas ordens: uns tirados de experiencias e observações executadas em um mesmo lugar; outros deduzidos do confronto de phenomenos analogos, observados em diversos pontos da Terra. (\*)

Veremos no proximo dia as principais provas experimentaes.

(\*) Seguirei nesta exposição o *Tratado de Geographia Geral de Wagner*, que me parece ser a obra, por excellencia, destinada aos professores interessados no assumpto.

## Arithmetica

### Problemas

#### 1.º ANNO

I — Estão, hoje, presentes á aula, 32 alumnos. Faltaram 5. Quantos alumnos ha na minha turma?

R: 37 alumnos.

II — A classe de D. Alayde é formada de 39 alumnos. D. Alayde tem me-

nos 5 alumnos que D. Laura. Quantos são os alumnos de D. Laura?

R: 42.

III — Minha classe tinha, em Março, 35 alumnos. Entraram outros 6 em Abril e 4 em Maio, mas perdi 3 em Abril e 2 em Maio. Quantos alumnos, tenho agora?

#### Solução

Recebi:  $35 + 6 + 4 = 45$  alumnos

Perdi:  $3 + 2 = 5$ .

Restam:  $45 - 5 = 40$ .

#### Outra solução

$35 + 6 + 4 - 3 - 2 = 45 - 5 = 40$  alumnos.

#### 2.º ANNO

I — Pagando 480\$000 pelo aluguel de um mez de uma casa para escola, quanto gasta a Prefeitura, em um anno?

#### Solução

Nos 12 mezes, a despeza da Prefeitura seria de:

$$480\$ \times 12 = 5.760\$000$$

II — Se todos os 480 alumnos de minha escola dessem, por mez, 200 rs. para a Caixa Escolar, em quanto importaria essa dádiva no fim do anno lectivo?

#### Solução

Contribuição de um alumno, nos 10 mezes lectivos

$$200 \text{ rs.} \times 10 = 2\$000.$$

Importancia de todas as contribuições:  $2\$ \times 480 = 960\$000$ .

III — Oito alumnos remediados de uma turma quotizaram-se para dar a um collega pobre uma alpercata do

custo de 13\$500. Cinco deram, cada um, 1\$500. Que quantia deverá dar cada um dos outros?

#### Solução

Importancia obtida dos 5 primeiros alumnos:  $1\$500 \times 5 = 7\$500$ .

Quantia que os tres ultimos darão:  $13\$500 - 7\$500 = 6\$000$ .

Contribuição de cada um:

$$6\$000 \div 3 = 2\$000$$

#### 3.º ANNO

I — Com 279<sup>m</sup> de linon cortei 93 uniformes para alumnos pobres de minha escola. Em quanto importa, em media, a fazenda de cada uniforme, se 1<sup>m</sup> de linon custa 1\$700?

#### Solução

Fazenda necessaria para um uniforme em média:

$$279^m \div 93 = 3^m.$$

Custo, a 1\$700 o metro:

$$1\$700 \times 3 = 5\$100.$$

II — Ha na escola, uma turma de 5.º anno, duas de 4.º, 3 de 3.º, 4 de 2.º e 12 de 1.º, com um total de 770 alumnos. Se cada uma dellas tivesse mais 5 alumnos, qual seria em média, o n.º de alumnos de cada profeseora? Quantos alumnos haveria em toda a escola?

#### Solução

N.º de turmas:

$$1 + 2 + 3 + 4 + 12 = 22$$

Cada professor, tem em média:

$$770 \div 22 = 35 \text{ alumnos.}$$

1.ª resposta: Haveria em cada turma:  $35 + 5 = 40$  alumnos.

2.ª resposta: A escola teria:

$$40 \times 22 = 880 \text{ alumnos.}$$

III — Os 36 alumnos de uma turma combinaram comprar um livro de

que precisavam, na mesma casa. O negociante fez um abatimento de 7\$200 e, assim, todos os livros importaram em 12\$600. Qual o preço do livro sem o abatimento?

#### Solução

Preço dos 36 livros, sem o abatimento:  $129\$600 + 7\$200 = 136\$800$ .

Custo de um livro:  $136\$800 \div 36 = 3\$800$ .

#### 4.º ANNO

I — O pateo de minha escola mede 24<sup>m</sup> por 48. Quantos alumnos poderão fazer exercicio respiratorio ao mesmo tempo, guardando para os companheiros proximos e para o limite do campo a distancia de 1<sup>m</sup>?

#### Solução

Guardando 1<sup>m</sup> em todos os sentidos, cada alumno tem, á sua disposição, 2<sup>m</sup> da largura e 2<sup>m</sup> do comprimento do pateo.

Formarão no pateo, na direcção do comp.  $48^m \div 2^m = 24$  alumnos.

Haverá iguaes a essa fileira, em toda a larg. do campo:

$$24^m \div 2 = 12 \text{ fileiras.}$$

N.º de alumnos das 12 fileiras:

$$24 \times 12 = 288.$$

(Alumnos que farão ao mesmo tempo o exercicio respiratorio).

II — Uma professora fez para cada um dos seus 39 alumnos um guardanapo para envolver a merenda. Comprou fazenda de 7\$500 o metro, gastando, assim 46\$800. Sabendo-se que o panno tinha 1<sup>m</sup>,44 de larg., pergunta-se a superficie de cada guardanapo.

#### Solução

Extensão da fazenda comprada:  $46\$800 \div 7\$500 = 6^m,24$ .

Superfície desse panno:

$$6^m,24 \times 1^m,44 = 8,^m29856$$

Superfície de um guardanapo:

$$8,^m29856 \div 39 = 0,^m22304$$

III — Calculando a area de  $1,^m225$  para cada alumno, qual deve ser o comprimento de uma escola de fórmula rectangular para uma frequencia de 500 alumnos, sabendo-se que mede, na largura  $22^m$  e possui, além das salas de aula uma área de  $131,^m28$  occupada por outras dependencias?

### Solução

A'rea total da escola:

$$1,^m225 \times 500 + 131,^m28 = 625,^m2 + 131,^m28 = 756,^m28$$

Comprimento, dada a largura de  $22^m$   $756,^m28 \div 22^m = 34,^m4$ ,

### 5.º ANNO

I — A Prefeitura paga 600\$000 por mez pelo predio que alugou para a minha escola. A que capital corresponde esse rendimento, á taxa de 6% ao anno? Que tempo levaria a Prefeitura a indemnizar, com esse aluguel, um predio no valor de 432:000\$000?

### Solução

Em 1 anno, a Prefeitura paga, de aluguel:  $600\$ \times 12 = 7:200\$000$ .

A taxa 6% indica que 6 em 1.<sup>a</sup> constituem o rendimento do cap. 100;

1 seria o rendimento do capital  $\frac{100}{6}$  e 7:200\$000 são o do cap.

$$\frac{100 \times 7.200\$000}{6} = 120:000\$.$$

Dando 7:200\$000 por anno, a Prefeitura pagaria um predio de 432:000\$ em  $432.000.000 \div 7.200.000 = 6$  annos.

1.<sup>a</sup> resposta: 120\$000.

2.<sup>a</sup> « : 6 annos.

II — Um menino comprou, a sua custa, seu uniforme escolar, no valor de 9\$600. Para isso fez-se vendedor de jornaes. Cada jornal dava-lhe um lucro de 10%. Quantos dias trabalhou para esse fim, vendendo, em média, 120 jornaes por dia, a 100 rs. cada um?

### Solução

Lucro em cada jornal: 10% de 100 rs. = 10 rs.

Nº de jornaes que vendeu para obter o custo do uniforme:

$$9\$600 \div 10 \text{ rs.} = 960.$$

$$\text{Dias de trabalho: } 960 \div 120 = 8.$$

III — Calcula-se que uma pessoa consome, em média, 52 kg. de trigo, em um anno. Avaliada a população do Brasil em 40.000.000 de habitantes, pergunta-se que extensão deveríamos cultivar desse cereal para não termos necessidade de importal-o, calculando-se uma produção de 13 Q. por Ha. A que porcentagem da area do Brasil corresponda essa extensão? (Sup. do B. — 8:525.000 km<sup>2</sup>).

### Solução

Consumo de toda a população:

$$52^{\text{kg}} \times 40.000.000 = 2.080.000.000^{\text{kg}} = 20.800.000 \text{ Q.}$$

Extensão a ser cultivada, para evitar a importação do producto:

$$20.800.000 \div 13 = 1.600.000^{\text{Ha}} = 1.600.000 \text{ Hm}^2.$$

Porcentagem dessa area relativamente a todo o Brasil, que tem 8.525.000 Km<sup>2</sup> ou 8.52.500.000 Hm<sup>2</sup>.  $852.500.000 - 100$ .

$$1 - \frac{100}{852.500.000}$$

$$1.600.000 - \frac{100 \times 1.600.000}{852.500.000} = 0,18\%$$

Sebastiana M. de Figueiredo